

13, Manhã de julho, 92.

Coquinos.

Queridissimo Cruz

E' por uma manhã de ouro que te escrevo esta carta. Entra-me pelas janellas a luz do Sol no Oriente, illuminando-me a pequenina sala onde traballo. Esta casa ainda a mesma, virginal e branca, voltada para o Mar e para uma larga e luminosa estrada de granito, muito rumorante de passaros, muito arenhada de rosas amarellas. Não imaginas a alegria que tive ao entrar por estas portas, logo no dia seguinte ao da minha chegada á esta terra de amôres. A velhinha, essa adoravel e santa creatura de cabeça de prata, tanto ria como chorava, aos abraços em mim, beijando-me muito, numa alegria de bom vinho em claras toa-
lhas de linho. Depois, quando a noti-

cia da minha chegada vou, correu de
bocca em bocca, encheu-se de adoravis
sinhos a minha casa, e por mim
então cantou bem alto a virgindade
desses simples corações que ainda me
adoram carinhosamente. Olhavam
me todas admiradas, todas com eu-
resia, como se eu dahi tivesse vir-
do alguma riquissima suprema, com
purpuras nos hombros, cheirando
a myrra e a cedro. A titi, logo per-
guntou por ti, logo quis saber da tua
felicidade. Abracei o teu velho paé, per-
guntando-me elle muito por ti. Ainda
forte, o teu velhinho. Trabalhou, o anno
passado, nos boqueiros, e todas as noi-
tes ~~estava~~ aqui em casa, de poliestra
com a titi, ambas contando historias
remotas, de noventa annos passa-
dos. Forinhava-se por esse tempo. Re-
cebi as formosuras que me mandaste, entre
as quaes vinha o Inverno, de B. Lopes. E

detestavel, digo-te francamente. Tenho
começado alguns versos, mas só heide
acabá-los depois da froda das parsi-
ras, e mesmo porque não ando muito
bom de saude, experimentando a cama
por varias vezes. Faz um frio que é um
horror, como nunca senti nesta terra.
Ando com uma nostalgia de sapos,
com um tédio de chusmbo, tendo a
espírito enflorestado de chifres mais
tensos do que a imbecilidade humana.
Muitas saudades das mulheres do Rio,
dessaas pretas gíves fin ~~carter~~ tantas
verros cheirosos. Por ora ainda não vi
por aqui uma unica que me agrade,
a ser uma priminha por quem ando
a cancear os olhos por estos estrocos cheios
de rosas amarellas. Como vive o Samuel?
Mora contigo ou não? Abraça o Junquiro,
Soffrante, o Jobim, e os muitos outros. Por falta de
dinheiro e de adreim é que te envio estos
cartas, que se farão o favor de entregá-las ^{ao} ^{meu} ^{amigo}. Abraço
O teu sempre eterno amigo

Aracy Figueira

Handwritten text, mostly illegible due to fading and bleed-through. Visible words include "Refuge", "Gentle", and "Liberation".

De la famille solio
notre esau
da para phisophos
real de apparatus effectus
2
regis solenne
cymphos
vical phisophos.

